

Ao relento A la intemperie

Poesia bilingue
Tradução de Floriano Martins
Prefácio de Luis Fernando Cuartas



Eliana Maldonado Cano

**AO RELENTO
A LA INTEMPERIE**

ELIANA MALDONADO CANO

Ao relento, de Eliana Maldonado Cano

© Edição original, *A la intemperie*

Prefácio: Luis Fernando Cuartas

Tradução, foto da capa e série fotográfica: Floriano Martins

Edição, Design e Revisão: Elys Regina Zils

Fonte dos textos: Theano-Didot, Georgia

ISBN: 978-65-01-84356-8



MamaQuilla Edições
Indaial | Brasil

ed.mamaquilla@gmail.com

AO RELENTO

ELIANA MALDONADO CANO

Tradução de Floriano Martins

Prefácio de Luis Fernando Cuartas

Eliana Maldonado, uma arte ao relento

*Venho do lugar que habita a fenda,
onde o vento não nomeia nem absolve,
apenas se eleva,
poluindo tudo.*

*Não há raiz que me reivindique,
ou sombra que me procure,
todas já morreram ou
estão prestes a morrer.*

*Nasci muitas vezes
na margem do silêncio,
amei e perdi
sempre.*

*O direito de lembrar me foi
negado, erguer a mão é
um ato inútil,
desesperado.*

*Ninguém me espera,
fugi inúmeras vezes
e agora entendo que é porque
estou sempre comigo mesma.*

*Sou essa voz
que se silencia
na última página de um livro
que ninguém leu.*

Eliana sempre nos surpreende com suas palavras oportunas e necessárias. Somos a última página de um livro que ninguém leu; nossas vidas não são escritas para serem decifradas, mas vividas.

Somos aquelas vozes que se silenciam, não por introversão, talvez por causa dos vazios deixados pelas fissuras em nossas experiências vividas. Vivemos expostos aos elementos. Na linguagem de Eliana, há um toque reflexivo e poético. As palavras são ausências sonoras; nossas línguas aprendidas são uma Babel de outros momentos. Tudo o que aprendemos pode desaparecer e deixar rastros; avós continuam a sussurrar seus segredos em um mundo que lentamente se desfaz. Ela nos diz, com razão, que nossos corpos são um inventário de ausências – aquilo que resta do que se foi ou está indo. Mas permanece aquela materialidade de cicatrizes não curadas, aquele corpo cheio de feridas que falam. Não se trata de uma desapropriação, mas do reconhecimento da atemporalidade e da difusão de toda a nossa história, daquele estado de exposição ao qual somos condenados. O que resta é aquela tigela vazia, aquela xícara à espera, aquela carta fechada, aquele estado desolado que a poeta sente que precisa tocar para ser sentida em seu universo.

Não se trata de se ver novamente nos espelhos d'água para sentir o que sempre se dissolve, não se trata de se entregar ao estado narcótico de autocontemplação. Aqui, nela, sente-se o olhar honesto de um mundo cheio de fissuras que se perde, escombros de experiências e estações da vida perplexas. Esses reflexos são obscurecidos por memórias fragmentadas e pelo cansaço do silêncio contínuo.

Seu reflexo se torna mais vivificante quando ela percebe que as palavras não existem mais, que as palavras caem como cinzas; a poeta é testemunha de um universo que não sabe como lê-la, uma vida sem eco, sem direção. A arte exposta aos elementos, a perda de abrigo, de refúgios seguros, de bolhas, é uma metáfora para habitar cidades onde o amanhecer nunca chega, ruas onde

o silêncio é mais denso que um grito. É sentir-se, como a poeta bem coloca, como uma estrangeira, desconhecendo a língua do clima, um frio sempre novo nos ossos, e palavras presas entre mandíbulas trêmulas de frio. Em mundos desconhecidos, a pele será sempre estranha, estrangeira, sempre um corpo ausente com a presença viva de palavras que recuperam a força do trovão.

A condição migratória é essa busca por um lugar onde tudo faça sentido novamente, o ato de não perder algo a cada dia, um costume, uma promessa. A coletânea de poemas de Eliana é uma desapropriação, um profundo rompimento da existência. É um corpo que se esvazia no silêncio, mesmo habitando outras palavras, aquelas que não dizem o que deveriam dizer; é um estado de Babel sem nome. Ela o expressa bem: uma lâmpada apagada e sem recarga, alguém que já não se lembra de como era a luz. Essa exposição aos elementos, que se torna um ato íntimo, é a apropriação de um novo mundo, com fardos diferentes e abordagens diferentes da realidade. Carregar essa dor que não encontra palavras para contê-la é semelhante ao que ouvi de um poeta: a palavra *dor* não dói; o que dói é apenas aquele som agudo que nos lembra da dor.

Sem dúvida, há um ato místico nisso; ela retorna à oração em uma condição que poderia ser chamada secular, retornando às orações da infância como um recurso, entre a dúvida e a busca por uma possível esperança. Uma oração a deuses menores, nada todo-poderoso ou infame. É o estado de medo que corrói, deixando até as sombras sedentas.

Ela não pede piedade por sua condição; a busca poética tem seus riscos. *Não há retorno para quem se tornou pó.* Ela mesma expressa que escolheu essa forma de desaparecer sem testemunhas, sem aviso, sem um som. É um estado de partida, de

não notar nenhum ninho, mesmo que o pássaro faça ninho em frente à casa, será sempre um lugar fugaz.

A coleção de poemas de Eliana está em um nível em que sua busca solitária não é apenas memória, é aquela voz que emerge de um estado solitário, aquele mundo exterior que late e exalta, um momento de lucidez onde se pode despir o dia sem que doa tanto. Um encontro puramente poético com aquele eu interior trêmulo e hesitante, com aquela história desencarnada onde outrora habitavam a ternura e a pele, revelando agora peitos repletos do perfume do momento e do mel da nostalgia que ainda consegue conversar por trás das janelas.

Poder-se-ia pensar que ela fala consigo mesma, em uma não existência onde reside a dúvida: *Escrevo-te, mesmo que não existas. Mesmo que não haja endereço para deixar esta tristeza dobrada em duas ou três partes.* A infância é recorrente, a grande perda, aquela pátria dos poetas buscada como uma onda ou um rio que sussurra todas as verdades.

A poeta sabe que não restam vestígios, nem atos a guardar; é uma poética de boca fechada, olhos fechados, casa vazia, ouvidos abertos, palavras que ainda ressoam e uma cegueira que nos leva ao toque como se fosse a única e última linguagem que o corpo compreende.

Quando a casa está vazia, é assustador entrar. Essa é a proposta: passar da exposição aos elementos à possibilidade de abrir a casa poética. Os ecos não serão vozes; as vozes já se foram. Os passos, não. A planície não são lágrimas; são pessoas, nem fantasmas. É a herança, a linhagem do silêncio, o que vem e vai, o medo de ser *o outro e o mesmo, de ser um instante.*

Uma poética das margens, dos limites dos estados fronteiriços entre um chamado que não chega e o abismo ou o deserto. Essa

sensação de não ser lugar nenhum, onde todos os fins parecem distantes, algo que acontece como se nunca tivesse acontecido.

O poeta sabe disso; não é insônia, nem medo, nem ansiedade. É o que não existe, algo tangível como o coaxar dos sapos, um coração acelerado. É saber que ninguém virá para mudar os ruídos da noite ou o coaxar nas lagoas. É um ambiente ao mesmo tempo terno e incomum, hostil e solitário. Assim será a poesia; ninguém virá em seu auxílio ou por piedade, apenas a palavra pulsante permanece, mesmo que seus sons sejam novos uivos nas noites.

Há um poema nos textos de Eliana que me atrevo a transcrever na íntegra:

*Há um país em mim
onde ninguém quer viver.
As ruas são
feitas de promessas,
as praças sem heróis,
sem cavalos,
não há fortes nem castelos,
nem montanhas nem rios,
deserto e poeira por toda parte.
Há um país dentro de mim, sim.
A única língua*

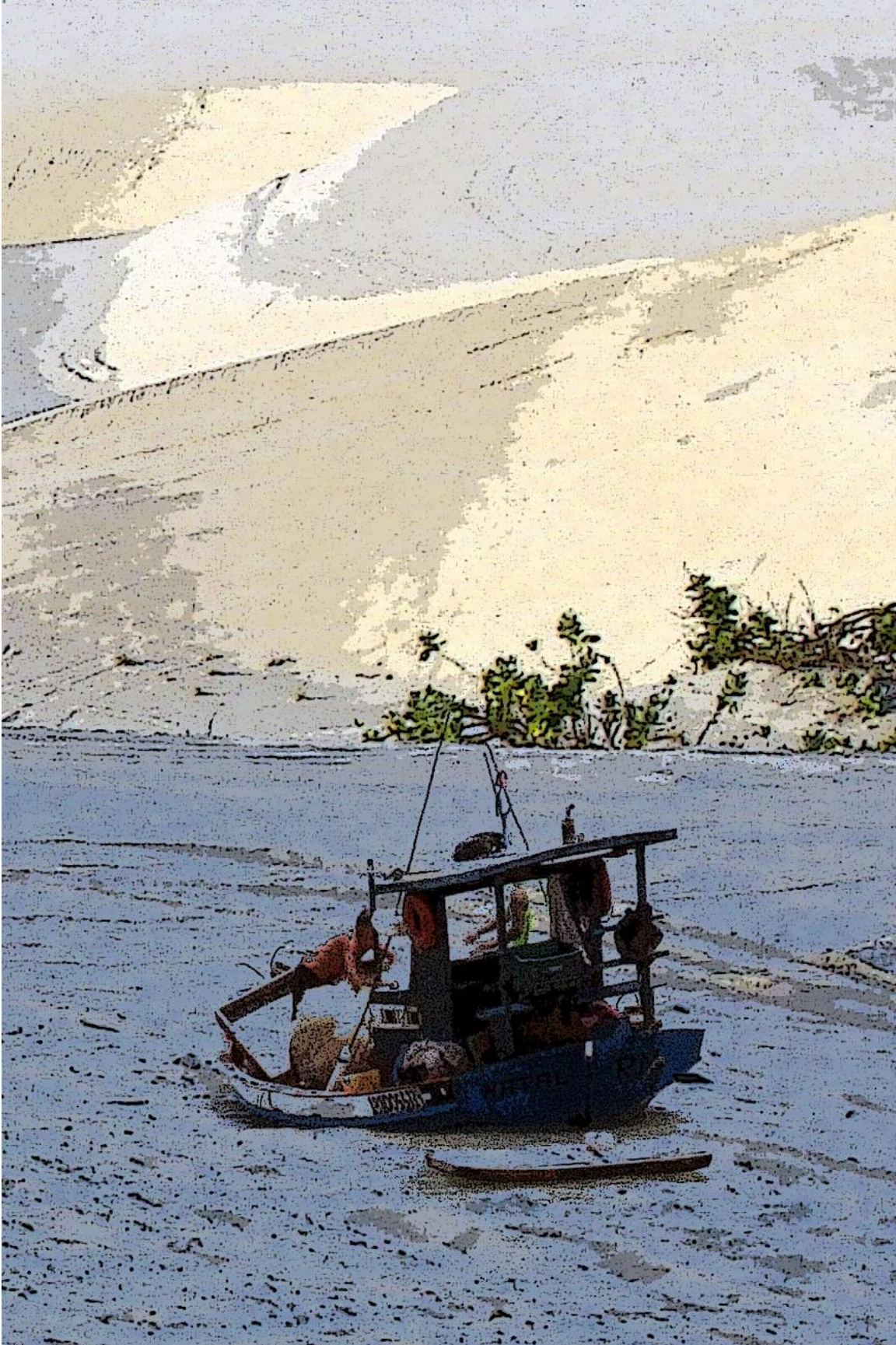
É ela quem fala consigo mesma em um país particular, uma intimidade onde ninguém quer viver, onde não há fortalezas nem castelos. A linguagem do esquecimento existe. Com este poema, ela dá conta desse mundo que constrói na solidão, criando a sua

própria condição e abrindo-a como laranjas amassadas contra paredes.

Conheci Eliana há alguns anos, quando trabalhávamos juntos na rádio cultural da Universidade Nacional. Com este livro, ela se torna mais profunda, mais introspectiva, mais próxima daquele ser que conhecia os segredos da avó, que lutou por amor mesmo em fila atrás dos muros de uma masmorra, que conseguiu criar um universo pessoal e cujas palavras ela faz suas, repletas de imensa ternura.

É bom saber que ela continua escrevendo com essa força característica, com essa profundidade e esse estado entre a vigília e o ato de nadar mesmo nos oceanos mais profundos do ser. Aquele momento em que ela escreve ainda ressoa: Dentro permanece o eco de uma voz desconhecida. Que profunda solidão ela nos revela, e não uma solidão como queixa, mas sim como um ato vital para examinar as paredes e descobrir os recantos ocultos do destino. Contudo, não estamos sozinhos; ela sabe que do outro lado também existe o vazio.

Novembro de 2025
Luis Fernando Cuartas





1.

Venho do lugar que habita a fenda,
onde o vento não nomeia nem absolve,
apenas se eleva,
poluindo tudo.

Não há raiz que me reivindique,
ou sombra que me procure,
todas já morreram ou
estão prestes a morrer.

Nasci muitas vezes
na margem do silêncio,
amei e perdi
sempre.

O direito de lembrar me foi
negado, erguer a mão é
um ato inútil,
desesperado.

Ninguém me espera,
fugi inúmeras vezes
e agora entendo que é porque
estou sempre comigo mesma.

Sou essa voz
que se silencia
na última página de um livro
que ninguém leu.

2.

Deram-me um nome que não é meu,
uma máscara tecida de pó e
antigas tradições que minha avó já possuía.
Quando o pronunciavam,
algo dentro de mim desaparece.
Não pertencço à árvore, nem à casa,
nem mesmo à língua que aprendi ou à
que agora pretendo falar.
Caminho como se ninguém me quisesse,
como se o mundo me tivesse esquecido
momentos antes que eu nascesse.

3.

Meu corpo:
um inventário de ausências,
uma geografia de feridas
que sangram,
e ardem.

Meu corpo,
um território de cicatrizes
que permanecem abertas.

Lá fora,
um quarto vazio,
uma xícara quebrada,
uma carta lacrada na caixa de correio.
Aqui, esta rede
de veias e pensamentos.

4.

Observo meu rosto na água,
O reflexo é apenas a sombra
que se cansa de me imitar.
Talvez eu seja apenas parte de uma fotografia rasgada,
o espaço que resta
quando alguém é arrancado da memória.

5.

Escrevo numa língua que já não existe.
Minhas palavras caem como cinzas
sobre um mundo que não sabe ler-me.
Não é a morte que me assusta,
é a vida sem eco, ou uma vida sem rumo.
Carrego uma dor que não encontra
palavras para contê-la,
e não sei como gritar.

6.

Já vivi em cidades
onde nunca amanhece,
ruas onde o silêncio
é mais denso que um grito.
Aqui também me sinto estrangeira,
como se meu corpo não conhecesse
o idioma do clima.
O frio não abandona os ossos.
Apenas muda de forma;
Às vezes, a vida é palavra,
às vezes,
um nome ou algo
que nunca é dito.
Estrangeira em minha própria pele,
sempre um corpo ausente.

7.

A cada dia perco algo:
um hábito,
uma promessa,
uma esperança,
uma palavra,
uma maneira de ver
o mundo sem medo.
Sou um corpo que se
esvazia em silêncio,
uma lâmpada apagada e sem
recarga,
alguém que já não recorda
como era a luz.

8.

Ela deixou a lâmpada do esquecimento acesa,
e agora tudo é sombra.

Não há cura para esta solidão,
porém imploro, ajoelho-me e
entoo cantos da infância e rezo
como se reza a deuses menores:
com medo e sem esperança.

9.

Não há retorno para quem se tornou pó.
Caminho entre os outros
como quem arrasta uma casa em cinzas.
Não me olhem com piedade, não.
Escolhi esta forma de desaparecimento:
sem um som,
sem testemunhas,
sem aviso,
como os pássaros que morrem
no ninho da
magnólia em frente à minha casa.

10.

A cada noite o mesmo ritual:
fecho a porta,
apago a minha voz,
deixo a solidão entrar
como um cão, e
me afundo no chão
mordendo a própria cauda.
Estou cansada de tudo
e não peço companhia.
Com um pouco de silêncio,
posso desfolhar o dia
sem que doa tanto.

11.

Eleven

sabe que vem,
observa o sorriso malicioso,
a expressão de poder sobre ela, sobre todos.

Ele move seus dedos famintos,
unhas negras e duras
agarrando-se à pele
para garantir o momento.
Sua, porém não hesita.

Ela observa,
respirando rapidamente
porém em silêncio,
o pânico causou todo
desastre possível
até deixá-la imóvel.

—Ele está vindo, ela pensa.

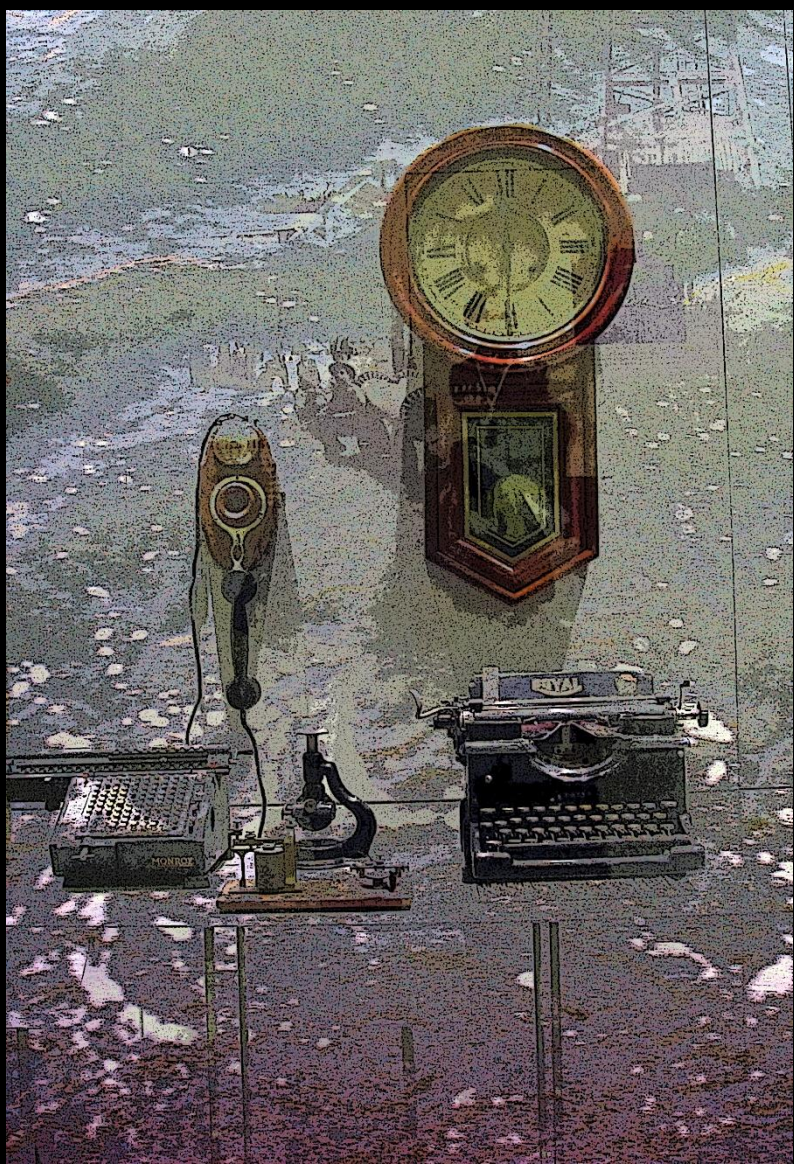
E está mesmo.
A mão cruza o espaço entre um
corpo e outro,
aperta a pele como se
fosse carne podre,
espalha os dedos
pelos membros arredondados,

busca algo mais e
com palavras suaves
trata de vencer
o pânico dela
para que ela ceda ao
medo e o deixe passar.

Ela não respira,
suporta,
é lixo por se deixar tocar,
é suja e por isso que
ele passa e repassa,
busca e rebusca e ela
se tornou vazio,
nada,
ninguém,
qualquer um.

As unhas negras se
alargam com o fim de
tocar o que foi negado,
enquanto uma mão
trêmula que venceu
o medo
se moveu e
retirou o invasor.

Onze, onze,
por que?



12.

Eu te escrevo, mesmo que não existas.
Mesmo que não haja endereço
onde eu possa deixar esta tristeza
dobrada em duas ou três, ou em
figurinhas como na infância.
Talvez as palavras cheguem ao mar ou ao rio
e uma onda, uma correnteza
te sussurre tudo ao ouvido
como se fosse verdade.

13.

Minha pele já não responde a perguntas.

Não há vestígio que me identifique,

ou toque algum que me salve.

Aprendi a falar com

a boca fechada,

os olhos fechados,

os ouvidos abertos,

como se a cegueira

fosse a única linguagem

que meu corpo entende.

14.

Estou sempre à beira:
da cama,
das lágrimas,
de uma ligação que nunca chega,
do abismo,
do deserto.

Ser de lugar nenhum
é também fazer parte
de todos os finais
que acontecem longe,
as guerras,
as fomes,
a saciedade.

15.

Deixaram-me uma casa vazia
e o medo de entrar nela.

Lá dentro,
os ecos não são vozes,
os passos não são pessoas,
o pranto não tem lágrimas.
Essa é a minha herança:
uma linhagem de silêncios,
doenças invasivas,
e portas fechadas.

16.

Não é a insônia que dói,
são os sapos coaxando
às duas da manhã.

Não é o medo que dói,
é o coração acelerado.

Não é a ansiedade que dói,
é o futuro que não existe.

A cada noite,
um animal diferente
rói o pé da cama
com a calma de quem sabe
que ninguém virá para espantá-lo.

17.

Há um país em mim
onde ninguém quer viver.
As ruas são
feitas de promessas,
as praças sem heróis,
sem cavalos,
não há fortes nem castelos,
nem montanhas nem rios,
deserto e poeira por toda parte.
Há um país dentro de mim, sim.
A única língua
falada aqui
é o esquecimento.

18.

Não fui embora,
não me deixaram ir.

Tentei, esperneei,
porém não me deixaram ir.

Ainda que eu seja a brisa que desencadeia tornados,
a voz que grita e se afoga,
não me deixaram ir.

Caminho sem mapa pela mesma
cidade repetidas vezes,
conheço as curvas e reviravoltas,
bocejo de tédio.

O pouco que restou de mim,
se arranha e se aperta,
talvez haja um lar
na fenda de uma pedra.

Eles não me deixaram ir,
eu tentei,
não entendo o motivo,
porém continuo me arranhando,
mesmo que não haja espaço
para mim em lugar nenhum.

19.

Ceguei ao fim sem ter começado.
Minha história foi escrita de trás para frente,
e há palavras que não significam nada.
O que resta é talvez um fim,
sem eco.

20.

O sol não chega até aqui.
Tanto vivi na sombra
que a luz agora me trai.
Lá fora, os dias se repetem
como uma farsa.
Aqui dentro, resta apenas
o eco de uma voz
desconhecida.

21.

Eu quis atravessar para outro lugar
para falar com alguém,
porém a ponte tinha tábuas finas,
nuas e esfareladas.

Implorei por ajuda com toda
a força da minha voz,
com lágrimas,
lamentos doentios,
as palavras que roubei dos livros,
as mentiras que guardei,
as que vendi a mim mesma,
as que tornei reais para outros.

Ninguém respondeu.

E então eu soube
que o outro lado
também estava vazio.

22.

Existem cidades onde nunca morei
que ainda me doem.
Nomes que não foram meus
e, no entanto, os pronuncio em sonhos.
Homens que amei
e feri profundamente
e já não existem.
Mães que tive,
porém nunca me amamentaram.
Previsões de sol
com chuvas torrenciais,
Talvez eu pertença
a tudo o que não aconteceu,
a cada história que nunca se concretizou,
ao sonho que ninguém teve.

23.

Parei de fazer perguntas.
Apenas escrevo nas paredes
como quem deixa migalhas
para alguém que nunca virá.

24.

Quando criança, me ensinaram a nadar:

chuta e mexe o braço,

respira,

segue o ritmo e continua.

Porém nunca aprendi a fazer direito.

Agora, quando vejo o mar e me jogo na água,

com a esperança de que

as ondas não me puxem de volta,

elas o fazem.

Lá em cima, só me resta a inexperiência,

algumas lições que nunca entendi de verdade.

Afundar também é uma forma de fé:

acreditar que algo lá embaixo

vai te abraçar sem pedir nada em troca.



25.

Não me restam relógios.
Todos quebraram
no dia em que parei de esperar.
Agora conto os dias pelas feridas,
há várias cicatrizes nas minhas pernas
e mãos,
uma na minha cabeça e outra no abdômen
que não param de sangrar.
Como curar-me
de palavras que não disse,
das vezes em que fingi estar bem.
Não me restam relógios,
nem tempo,
todos quebraram.

26.

Testemunhei o colapso,
porém ninguém acreditou em mim.
Minhas mãos estavam quebradas,
a boca muda,
os olhos cegos,
a alma imunda,
os olhos cheios de cinzas.
Golpes nas minhas costas,
sangue jorrando delas.
Era impossível saber
que a gente também se quebra
quando vê o mundo desmoronar.

27.

Não haverá gritos.

Nem sangue.

Nem poetas escrevendo sobre mim.

Não haverá flores,

nem túmulo,

não haverá ossos,

nem lençóis,

nem festa ou velório.

Apenas um corpo cansado

de carregar sua sombra,

suas dúvidas

ou acertos,

seus medos.

E um silêncio

que saberá cumprir

sua função.

28.

O tempo não passa,
ele permanece.
Instala-se em minhas coxas,
na curva de minhas costas,
no jeito como meu peito
aprendeu a baixar os braços.
No movimento lento
que meus passos adquiriram,
Na arritmia que meu coração aprendeu,
Nas linhas de meu rosto
e em meus cabelos brancos.
Ele não me olha com piedade.
Apenas recolhe o que fui
e o deixa em algum lugar.

29.

O corpo cede,
como portas antigas.
As pálpebras pesam,
as pernas também.
Não é cansaço,
é o trauma,
a gravidade aprisionada,
a mão que foi onde não devia,
o golpe nas têmporas
e o outro em algum lugar da alma.
Não é cansaço,
é a vida,
os dias,
as aventuras e
os percalços,
as lembranças do café
pela manhã,
a taça de vinho pela metade,
a contagem regressiva.
É apenas a memória
acumulada:
por ter aguentado
demais,
demasiado tempo.

30.

Houve anos em que minhas mãos
eram uma promessa, acalanto,
canções de ninar na pele.
Agora elas mal me confortam.
Não apertam mais,
não exigem mais,
apenas repousam,
não alimentam mais,
são apenas como pássaros
que perderam
o caminho de volta.

31.

O tempo não fere de repente.
Instala-se como um amante paciente
que sabe onde tocar
para fraturar sem quebrar.
Não clama por afeto,
nem se apegua aos presentes,
não me pede para acompanhá-lo
ou para ficar.
Simplesmente passa,
sem alarde,
sem sinos,
sem tique-taque.
E a gente permite,
porque há feridas
que são sempre sentidas
e necessárias.
O corpo,
o tempo.
O único lugar possível
para guardar a dor.

32.

Carreguei meu corpo como um fardo.
Arrastei-o por países
alguns coloridos e acolhedores,
outros estranhos e insossos.
Dormi com ele
sem querer tocá-lo.
Alimentei-o sem querer cuidar dele.
Às vezes me olha de dentro
e indaga
quando deixei de amá-lo.
Não sei o que lhe responder.

33.

A memória não é um fio e não é vermelho:
é um muro que se racha silenciosamente.
A sequência de tábuas em meu quarto,
Os azulejos amarelos e vermelhos da
casa da avó,
O cheiro de leite quente e pão.
Lá está minha mãe,
repetindo seu gesto inútil
de fechar as janelas
como se o inverno
fosse outra forma de nos proteger.
Lá está a avó,
Sentada em sua cadeira acenando para
alguém que não existe no telhado,
Lá estão as crianças,
aquelas perdidas no tempo.
Eu ainda não estou lá,
quem sabe onde,
na mente de quem,
em que momento
alguém se lembre de mim.

34.

A brisa carrega
uma palavra desfeita
que um dia foi tua.
O Zumbayllu a trouxe com seu rodeio, e
aguço meus ouvidos para ouvi-la.
Não a nomeio,
para que não retorne inteira
a instalar-se em minha língua.

35.

O tempo cai
como cinzas leves
sobre as folhas novas.
Não saberei se cresceram
por seu peso,
ou apesar dele.
Há vulcões por perto anunciando
mais poeira,
riachos
por perto anunciando
folhas novas,
há um mundo lá fora que
observo e relato.



36.

Marleny tricotava para não morrer.
Sua agulha cruzava o tempo,
unindo os fios de uma ausência
que nunca teve nome.
Ela nos fazia cachecóis, casacos, meias.
Hoje, quando chove,
é ela quem remenda
as bordas da minha sombra
e não entendo o motivo.

37.

Parei de contar os invernos,
os verões, as primaveras e os outonos.

Agora, apenas nomeio
os galhos que não cederam,
os rios que não secaram,
as noites em que a neve
derreteu em minhas mãos.
O que não morre
também se lembra.

38.

O musgo cresce
onde ninguém olha.

As trepadeiras se agarram
aos anéis ancestrais do carvalho.

Os fungos se conectam
invisíveis e sonham.

Ali também a ternura,
ali também as palavras doces,
ali também o abraço silencioso ou
o sorriso escondido.

O musgo cresce
silencioso e verde,
como se nunca
tivesse se ferido.

39.

Com cuidado, encontrei um bosque,
reconheço seus galhos que
se estendem por quilômetros,
os rios que o inundam,
a onça que se esconde,
os pássaros que não
param nunca de cantar e os
macacos que saltam
de galho em galho.
Não temos nomes,
eles foram apenas palavras
inventadas por
aqueles que vivem além.
O bosque aceitou minha presença.
Como não tenho nome,
nem objeto ou memória,
sou como todos os outros.
Existo e pertença.
Vou me conectar a algum micélio,
para que possamos conversar.

40.

Cheguei aqui em uma noite fria
e chuvosa de março,
com apenas uma mala contendo
jeans e blusas usadas.
Um par de sapatos, um livro,
um caderno e minhas
canetas-tinteiro.
Naquela noite, o vento soprava
forte, a estação
parecia dilapidada,
e eu não entendia
como era possível estar
em um país tão rico com
tudo aquilo atrás de mim.
Ninguém por perto,
ninguém para dizer *olá, hello*.
Foi assim que este país nos recebeu, e
senti que aqui nunca haveria
um lugar de verdade para nós.
Aquela noite fria,
de silêncio, desencanto e solidão,
ficou como uma cicatriz na minha memória.
Quatro primaveras se passaram,
tivemos invernos rigorosos,
verões monstruosos
onde o suor escorria
pelos meus lábios
com gosto de sal.

Um dia, ao erguer a cabeça,
encontrei magnólias
floridas, e foi a primeira
vez que olhei para cima
e percebi que toda
esta terra estava repleta delas.

Meu único trabalho importante
tem sido salvar patos e
tartarugas nas avenidas
impenetráveis.
Senti dor por eles,
que, como eu, estão
em uma terra estrangeira quando
por direito lhes pertencia.
Hoje estou diante
de meu caderno, sem minhas
canetas-tinteiro,
cansada,
pesarosa pelos meus,
confusa,
vulnerável e
em silêncio.

41.

No Lago Caddo, encontrei família,
árvores ancestrais balançando
ao vento e ondulando,
raízes agarradas aos meus pés
para facilitar a caminhada,
O rio, o lago, os pântanos não
eram intransponíveis como a cidade,
pelo contrário,
águas serenas se abriam
para navegar
ou simplesmente transmutar.
Em território Caddo,
espíritos ancestrais
cantaram para mim,
Avós de olhos grandes
e sorriso amplo
dançaram para mim,
O majestoso Monte Ozark
cantou para mim,
Os Natchitoches
falaram comigo
em sua língua fluida
e sonora.
Sim, lá encontrei família,
sentados na grama,
conectados às raízes,
sozinha,
sozinhos.

42.

O sangue arde,
O coração não passa de um motor transumante,
A memória traz de volta momentos aberrantes,
O medo me mantém acordado à noite, atormentado por incubos
e súcubos.
Poderia ter sido lá, mas está aqui, e eu nunca saberei o que teria
sido pior.
A terra é um vale árido ou fértil, dependendo da luz que brilha.
Ser boa oprime, ser má assusta.
Mas o que é um ou outro agora?
Quando sou digna e quando não sou?
Quando minha palavra fere ou quando conforta?
Chegou o momento da vida em que nada sei.
Só há passagem e silêncio.

43.

Lucy senta-se sobre a agenda negra.

Acho que ela quer que eu pare de escrever porque sabe que dói.

Não tenho certeza se ela ou eu entendemos

que a dor é necessária, nem tenho

certeza dessa afirmação, mas a dor está lá e é sentida.

Lucy lambe suas patas brancas repetidamente,

mexe as orelhas na direção de meu olhar inquisitivo,

cheira as penas, a tinta e as raspas

de lápis, e volta a ser ela mesma, e volto a ser eu mesma.

Acabou de jogar um lápis de cor verde no chão,

por que pensar em sua razão?

Ela simplesmente o deslizou até que tocasse o chão.

Eu ainda sou eu.

Sem lápis para brincar,

sem sombras para perseguir,

evitando que minha mente faça o que

melhor sabe fazer,

dar voltas e voltas.

44.

Apenas sombras caminhando rapidamente pela rua,
ombros que se roçam, pernas se entrelaçando.

Elas falam em uma língua estranha,
não respondo a ninguém com outra que alguém me emprestou,
e a minha afunda em minhas veias porque ninguém aqui a
entende.

Apenas sombras caminhando,
ombros que se roçam.
Um casaco verde passa por mim,
um cachecol rasgado se enrosca em meus sapatos.

Uma prece foi murmurada às águas que
despencam, aos flocos de neve.
Às sombras que caminham sem me olhar.
Sem noite, sem sol, eu caminho.

45.

Dói a palavra do filho morto, a do filho vivo, o sorriso negado na infância e o beijo não dado na adolescência. Doem as mentiras em que acreditávamos aos doze e as verdades dos vinte. Doem os anos ao passar, e a pele ao perder a água.

Dói o sol contra os olhos, a chuva contra a pele nua, e o frio quando neva.

Às vezes dói, não sempre. Em outros dias, essas mesmas coisas são vistas de uma perspectiva diferente, e trazem esperança.

46.

Tudo que me sustentava agora está quebrado. Vejo os pedaços espalhados pelo asfalto solto. Tudo que me sustentava está quebrado, mas, estranhamente, algo de mim ainda está aqui, de pé, observando o pavimento.

SOBRE A AUTORA



Eliana Maldonado Cano. Nascida em 1978 em Medellín, Colômbia, é engenheira com mestrado em Ciências da Terra. Possui mestrado em Literatura Espanhola e Latino-Americana pela Universidade de La Rioja e doutorado em Literatura pela Universidade de Antioquia, onde obteve uma dissertação com distinção (*Magna Cum Laude*) sobre a poética quéchua na obra de José María Arguedas. Sua pesquisa

concentra-se na tradição oral, na memória e na poesia andina. Seus trabalhos de pesquisa se estendem por toda a América e pelo Caribe, incluindo autores africanos, criando assim uma ponte entre os dois continentes. Atualmente, é professora de Espanhol e Literatura na Universidade Estadual da Louisiana (LSU), nos Estados Unidos. Suas publicações incluem: *Bajo la piel* (2007), *Lunas de sombra* (2010), *Hacia el Pacífico* (2015), *Cartografía de la lluvia* (2016), *El pozo de la infancia* (2018). Outros trabalhos publicados incluem *Ellas escriben en Medellín* (2017), *Poesía colombiana del siglo XX escrita por mujeres* (2014) e *Historias que no son cuento: experiencias de lectura y escritura de Medellín* (2014), *Aquellas mujeres en Miniatura* (Pigmalión 2019), *Wayraripay (O Som do Vento)* foi publicado em 2023 pela Valparaíso NY e está disponível em edição trilingue: inglês, quíchua e espanhol. Alguns de seus poemas foram traduzidos para inglês, francês e português.

A LA INTEMPERIE

Eliana Maldonado Cano

Eliana Maldonado, un arte a la intemperie

*Vengo del lugar que habita la fisura,
donde el viento no nombra ni absuelve,
solo se levanta,
ensucia todo.*

*No hay raíz que me reclame,
ni sombra que me busque,
todos han muerto ya o
están por hacerlo.*

*He nacido muchas veces
en la orilla del silencio,
he amado y he perdido
siempre.*

*El derecho al recuerdo me ha sido
negado, levantar la mano es
un acto infructuoso,
desesperado.*

*Nadie me espera,
he huido una y otra
vez y ahora entiendo que es porque
siempre voy conmigo.*

*Soy esa voz que se
calla a sí misma
en la última página de un libro
que nadie leyó.*

Eliana siempre nos sorprende por su palabra oportuna y necesaria. Somos la última página de un libro que nadie leyó, nuestras vidas no están escritas para ser descifradas sino vividas.

Somos esas voces que se callan a sí mismas, no por introversión, tal vez por oquedades que nos dejan los resquicios que nos dejan las historias vividas. Hemos vivido a la intemperie del mundo. En Eliana hay un lenguaje reflexivo pero cargado de poesía. Las palabras son ausencias sonoras, nuestros idiomas aprendidos son una Babel de otros instantes. Todo lo aprendido puede desaparecer y crea vestigios, las abuelas siguen pronunciando sus secretos en un mundo que poco a poco se derrite. Con razón nos llega a decir que nuestros cuerpos son inventario de ausencias. Eso que ha quedado de lo que se ha ido o se está yendo. Pero queda esa materialidad de cicatrices sin sanar, ese cuerpo lleno de heridas que hablan. No es un despojo, es un reconocimiento de lo atemporal y lo difuso de toda nuestra historia, ese estado de Intemperie al que estamos abocados. Queda ese cuenco vacío, esa taza en las esperas, esa carta sin abrir, ese estado desolado a la que la poeta siente que debe de tocar para ser sentida en su universo.

No es volver a verse en los espejos del agua para sentir lo que siempre se diluye, no es hacer el Narciso estado de la auto contemplación. Aquí en ella se siente la honesta mirada de un mundo lleno de fisuras que se va perdiendo, escombros de vivencias y aturdidas estaciones vivenciales. Esos reflejos ensombrecidos por los recuerdos rotos y las fatigas del silencio continuado.

Su reflexión se hace más vivificante cuando se da cuenta que las palabras ya no existen, que las palabras caen como cenizas, la poeta es testigo de un universo que no sabe leerla, una vida sin eco, sin rumbo.

El arte a la intemperie, el hecho de perder los techos, los lugares seguros, las burbujas, es un símil de habitar ciudades

donde nunca amanece, calles donde el silencio es más denso que el grito. Es sentirse, como bien dice la poeta, sentirse extranjera, sin saber el idioma del clima, un frío siempre nuevo entre los huesos y queda la palabra entre las quijadas temblantes por el frío. En mundos desconocidos, la piel siempre será extraña, extranjera, siempre será un cuerpo ausente con la presencia viva de la palabra que recobra la condición del trueno.

La condición migratoria es esa búsqueda de un lugar donde todo vuelva a tener sentido, el acto de no perder cada día algo, una costumbre, una promesa. El poemario de Eliana es una desposesión, un desgarrar profundo de existencia. Es un cuerpo que se vacía en el silencio, aunque habite otras palabras, esas que no dicen lo que deberían de decir, es un estado de Babel sin nombre. Bien lo expresa ella: lámpara apagada y sin recarga, alguien que ya no recuerda cómo era la luz. Esa intemperie que se hace acto intimista, es la apropiación de mundo nuevo, con otras cargas y otras aproximaciones a la realidad. eso de llevar un dolor que no encuentra palabra que lo contenga, es algo similar a lo que escuche de un poeta: La palabra *dolor* no duele, sólo duele ese sonido punzante que nos recuerda lo dolido.

A no dudar hay en ella un acto místico, vuelve a la oración en una condición que podría llamarse Laica, vuelve a las oraciones de la infancia como un recurso, entre la duda y la búsqueda de una esperanza posible. Una oración a dioses pequeños, nada todo poderosos e infame. Es el estado del miedo que corroe, deja con sed hasta las mismas sombras.

Ella no pide que se apiaden de su condición, la búsqueda poética tiene sus riesgos. *No hay regreso para quien ha sido polvo* Ella misma expresa que eligió esa forma de desaparecer sin testigos, sin aviso, sin ruido. Es un estado de estar yéndose, de

no fijarse en ningún nido, aunque el pájaro anide al frente de la casa siempre será un lugar fugaz.

El poemario de Eliana está a un nivel donde su búsqueda solitaria no es sólo el recuerdo, es esa voz que sale de un estado solitario, ese afuera que ladra y enaltece, un momento de lucidez donde se puede desojar el día sin que duela tanto. Puro encuentro poético con ese interior que tiembla y que duda, con esa historia sin cuerpo donde antes habitó ternura y piel, ahora se nota que quedan cofres que se van llenando con el perfume del instante y la miel de nostalgias que aún llegan a conversar tras las ventanas.

Puede llegar a pensarse que es ella que se habla a sí misma, en una inexistencia donde habita la duda: *Te escribo, aunque no existas. Aunque no haya una dirección donde dejar esta tristeza doblado en dos o en tres.* La infancia es recurrente, es la gran pérdida, esa patria de los poetas que se busca como una ola o un río que nos susurre todas las verdades.

La poeta sabe de sí que no quedan huellas, ni actos que salven, es una poética de boca cerrada, de ojos cerrados, de casa vacía, los oídos abiertos, las palabras que aún suenan y una ceguera que nos remite al tacto como si fuese el único y último idioma que el cuerpo entiende.

Cuando la casa está vacía da miedo entrar a ella. esa es la propuesta, de estar a la intemperie a poder abrir la casa poética. Los ecos no serán voces, las voces ya salieron, los pasos no, el llano no son lágrimas, son personas, ni son fantasmas. Es la herencia, el linaje del silencio, lo que viene y pasa, un miedo a ser *lo otro y lo mismo, a ser instante.*

Una poética de los bordes, de los límites de los estados fronterizos entre una llamada que no ocurre y el abismo o el desierto. Esa sensación de ser de ninguna parte donde todos los

finales se ven lejos, algo que sucede como si nunca hubiera sucedido.

La poeta lo sabe, no es el insomnio, ni es el miedo, ni es la ansiedad, es lo que no existe es un algo tangible como las ranas croando, el corazón acelerado, es saber que nadie vendrá a cambiar los ruidos de la noche ni el croar en las lagunas. Es un entorno entre tierno e insólito, entre hostil y solitario. Así será la poesía, nadie vendrá en socorro o por piedad, sólo queda la palabra que palpita aun sean sus sonidos nuevos aullidos en las noches.

Hay un poema en los textos de Eliana que me atrevo a transcribirlo completo:

*Hay un país en mí
en el que nadie quiere vivir.
Las calles están
Hechas de promesas,
Las plazas sin próceres,
sin caballos,
no hay fortines ni castillos,
no hay montañas o ríos,
desierto y polvo en todas partes.
Hay un país en mí, sí.
El único idioma que
se habla aquí
es el olvido.*

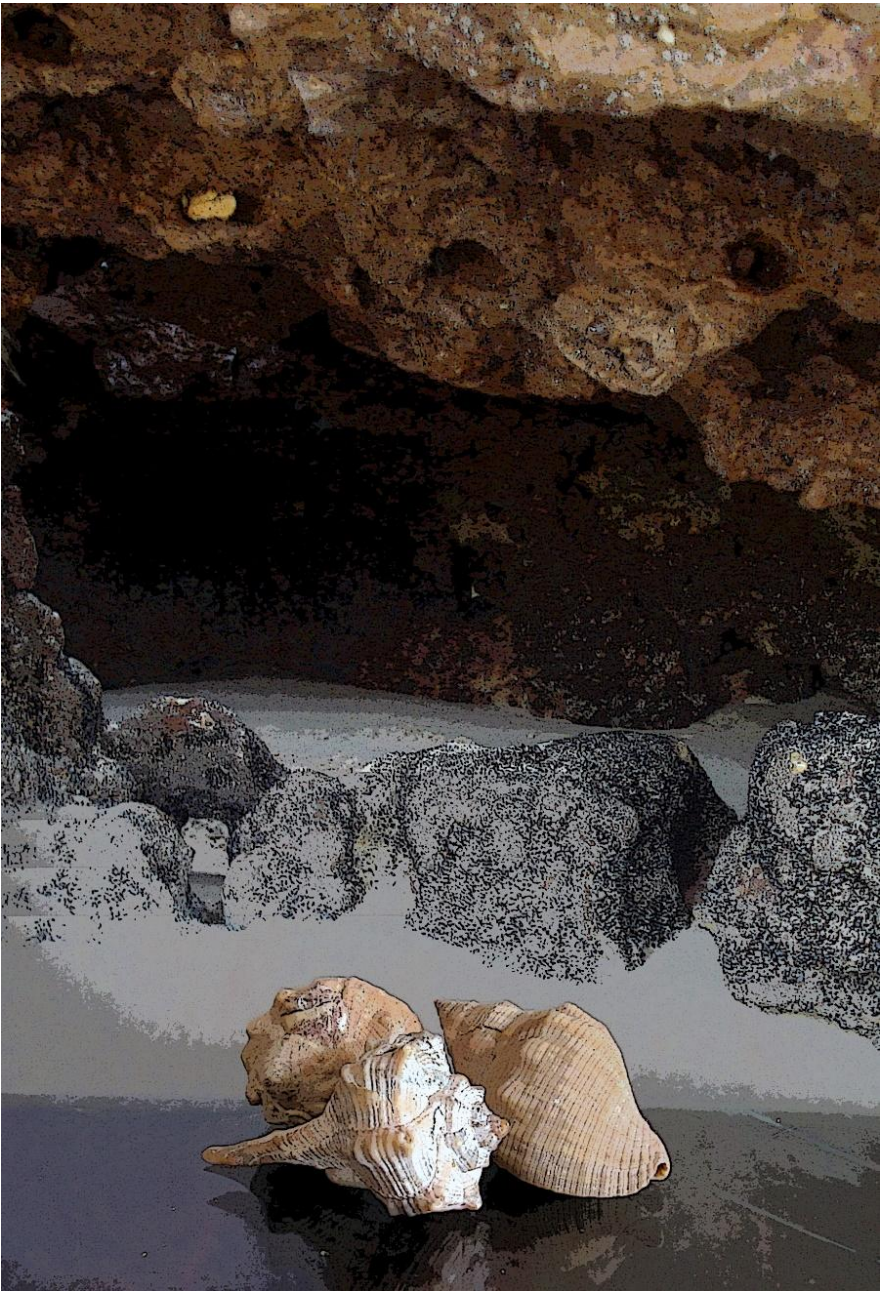
Es ella quién se habla en un país personal, un intimismo donde nadie quiere vivir, no hay fortines ni castillos. Existe el idioma del olvido. Con este poema ella da cuenta de ese mundo que

construye en soledad, crea su condición y la abre como se abren las naranjas cuando son ultrajadas contra las paredes.

Conocí a Eliana hace algunos años, cuando trabajamos juntos en la emisora cultural de la Universidad Nacional, con ese libro ella se hace más profunda, más interiorizada, más cerca a ese ser que conoció secretos de la abuela, que luchó por el amor aun haciendo fila tras los muros de una mazmorra, que logró crear un universo personal y sus palabras las hace propias y llenas de inmensa ternura.

Bien saber que sigue escribiendo con esa fuerza característica en ella, con esa profundidad y ese estado entre la vigilia y el acto de nadar aún en los más profundos océanos del ser. resuena aún ese momento cuando escribe ella: Adentro queda el eco de una voz desconocida. Que profunda soledad nos muestra, más no es la soledad como queja, es la soledad como acto vital para escudriñar paredes y conocer las bocacalles del destino. Más no estamos solos, ella sabe que al otro lado también está vacío.

Noviembre de 2025
Luis Fernando Cuartas





1.

Vengo del lugar que habita la fisura,
donde el viento no nombra ni absuelve,
solo se levanta,
ensucia todo.

No hay raíz que me reclame,
ni sombra que me busque,
todos han muerto ya o
están por hacerlo.

He nacido muchas veces
en la orilla del silencio,
he amado y he perdido
siempre.

El derecho al recuerdo me ha sido
negado, levantar la mano es
un acto infructuoso,
desesperado.

Nadie me espera,
he huido una y otra
vez y ahora entiendo que es porque
siempre voy conmigo.

Soy esa voz que se
calla a sí misma
en la última página de un libro
que nadie leyó.

2.

Me han dado un nombre que no es el mío,
una máscara tejida de polvo y
viejas tradiciones que ya tenía mi abuela.
Cuando lo pronuncian,
algo dentro de mí desaparece.
No pertenezco al árbol, ni a la casa,
ni siquiera al idioma que aprendí o al
que pretendo hablar ahora.
Camino como si nadie me hubiera deseado,
como si el mundo me hubiera olvidado
momentos antes de nacer.

3.

Mi cuerpo:
un inventario de ausencias,
una geografía de heridas
que sangran,
y arden.

Mi cuerpo
territorio de cicatrices
sin sanar.

Afuera,
hay un cuarto vacío,
una taza rota,
una carta sin abrir en el buzón.
Aquí, este entramado
de venas y pensamientos.

4.

Observo mi rostro en el agua,
el reflejo es solo la sombra
que se cansa de imitarme.
Quizás solo soy parte de alguna fotografía rota,
el espacio que queda
cuando alguien es arrancado del recuerdo.

5.

Escribo en una lengua que ya no existe.
Mis palabras caen como cenizas
sobre un mundo que no sabe leerme.
No es la muerte lo que me asusta,
es la vida sin eco, o su vida sin rumbo.
Llevo un dolor que no encuentra
palabra que lo contenga
y no sé cómo gritar.

6.

He habitado ciudades
donde nunca amanece,
calles donde el silencio
es más denso que el grito.
Aquí también me siento extranjera,
como si mi cuerpo no supiera
el idioma del clima.
El frío no se va de los huesos.
Solo cambia de forma;
A veces la vida es palabra,
a veces,
un nombre o algo
que nunca se dice.
Extranjera en mi propia piel,
siempre cuerpo ausente.

7.

Cada día pierdo algo:
una costumbre,
una promesa,
una esperanza,
una palabra,
una forma de mirar
el mundo sin temerlo.
Soy cuerpo que se
vacía en silencio,
lámpara apagada y sin
recarga,
alguien que ya no recuerda
cómo era la luz.

8.

Ella dejó encendida la lámpara del olvido
y ahora todo es sombra.

No hay cura para esta soledad
pero la imploro, me arrodillo y
entono canticos de la infancia y oro
como se ora a los dioses pequeños:
con miedo y sin esperanza.

9.

No hay regreso para quien ha sido polvo.
Camino entre los otros
como quien arrastra una casa en cenizas.
No me miren con piedad, no.
Yo elegí esta forma de desaparecer:
sin ruido,
sin testigos,
sin aviso,
como se mueren los
pájaros del nido del
magnolio frente a mi casa.

10.

Cada noche el mismo ritual:
cierro la puerta,
apago la voz,
dejo la soledad entrar
como un perro y
me regodeo en el suelo
mordiéndome la cola.
Ya me cansé de todo
y no pido compañía.
Con solo un poco de silencio
puedo deshojar el día
sin que duela tanto.

11.

Eleven

Sabe que viene,
observa la sonrisa maliciosa,
la expresión de poder sobre ella, sobre todos.

Él mueve los dedos hambrientos,
uñas negras y duras
se aferran a la piel
para asegurar el momento.
Suda, pero no duda.

Ella observa,
de forma acelerada respira
pero en silencio,
el pánico ha causado todo
el desastre posible
hasta dejarle inmóvil.

– Ya viene, piensa.

Y así es.
La mano atraviesa el espacio entre un
cuerpo y otro,
aprieta la piel como si
fuera carne pútrida,
extiende los dedos
por los redondeados miembros,

busca algo más y
con palabras suaves
trata de vencer el
pánico de ella
para que ceda al
miedo y le deje pasar.

Ella no respira,
aguanta,
es basura por dejarse tocar,
está sucia y por eso
él pasa y repasa,
busca y rebusca y ella se ha
vuelto vacío,
nada,
nadie,
cualquiera.

Las uñas negras se
alargan con el fin de
tocar lo negado
mientras una mano
temblorosa que venció
el miedo
se ha movido y ha
retirado al invasor.

Once, once
¿por qué?



12.

Te escribo, aunque no existas.
Aunque no haya una dirección
donde dejar esta tristeza
doblada en dos o tres o en
pequeñas figuritas como en la infancia.
Tal vez las palabras lleguen al mar o al río
y una ola, una corriente
te susurre al oído todo
como si fuera verdad.

13.

La piel ya no responde a las preguntas.
No hay huella que me nombre,
ni tacto que me salve.
He aprendido a hablar con
la boca cerrada
los ojos cerrados
los oídos abiertos,
como si la ceguera
fuera el único idioma
que mi cuerpo entiende.

14.

Siempre estoy al borde:
de la cama,
del llanto,
de una llamada que no ocurre,
del abismo,
del destierro.
Ser de ninguna parte
es también ser parte
de todos los finales
que suceden lejos,
las guerras,
las hambrunas,
los hartazgos.

15.

Me dejaron una casa vacía
y el miedo a entrar en ella.

Adentro,

los ecos no son de voces,

los pasos no son personas,

el llanto no tiene lágrimas.

esa es mi herencia:

un linaje de silencios,

enfermedades intrusas

y puertas cerradas.

16.

No es el insomnio lo que duele,
son las ranas croando
a las dos de la madrugada.

No es el miedo lo que duele,
es el corazón acelerado,
no es la ansiedad la que duele,
es el futuro que no existe.

Cada noche,
un animal distinto
roe el pie de la cama
con la calma de quien sabe
que nadie vendrá a espantarlo.

17.

Hay un país en mí
en el que nadie quiere vivir.
Las calles están
hechas de promesas,
las plazas sin próceres,
sin caballos,
no hay fortines ni castillos,
no hay montañas o ríos,
desierto y polvo en todas partes.
Hay un país en mí, sí.
El único idioma que
se habla aquí
es el olvido.

18.

No me fui,
no me dejaron ir.
Lo intente, patalee,
pero no me dejaron.
Aunque sea la brisa que desata tornados,
la voz que grita y se ahoga,
no me dejaron ir.
Camino sin mapa en la misma
ciudad una y otra vez,
conozco los recodos y esquinas,
bostezo del aburrimiento.
Lo poco que queda de mí,
araña y estruja,
puede ser que haya un hogar
en la grieta de una piedra.
No me dejaron ir,
lo intenté,
no entiendo el por qué,
pero sigo rasguñando,
aunque no haya espacio
para mí en ninguna parte.

19.

He llegado al final sin haber empezado.
Mi historia se ha escrito al revés,
y hay palabras que nada significan.
Lo que queda es acaso un final,
sin eco.

20.

El sol no llega hasta aquí.
He vivido tanto en la sombra
que es la luz es una traición ahora.
Afuera se repiten los
días como una farsa.
Adentro, solo queda
el eco de una voz
desconocida.

21.

Quise cruzar hacia otro lugar
para hablar con alguien,
pero el puente tenía tablitas pequeñas,
escuetas y deshechas.

Pedí ayuda con toda
la potencia de mi voz,
con lágrimas,
aullidos enfermizos,
las palabras que robé a los libros,
las mentiras que mantuve,
las que me vendí,
las que hice realidad a otros.

Nadie contestó.

Y supe entonces
que el otro lado
también estaba vacío.

22.

Hay ciudades donde nunca viví
que aún me duelen.
Nombres que no fueron míos
y sin embargo pronuncio en sueños.
Hombres a los que amé
y rompí la piel
y ya no existen.
Madres que tuve,
pero nunca amamantaron.
Pronósticos soleados
con lluvias torrenciales,
quizás pertenezco
a todo lo que no sucedió,
a cada historia que no tuvo lugar,
al sueño que nadie tuvo.

23.

He dejado de hacer preguntas.
Solo escribo en las paredes
como quien deja migas
para alguien que nunca vendrá.



24.

De pequeña me enseñaron a nadar:

patalea y mueve el brazo,

respira

sigue el ritmo, y continua.

Pero no aprendí a hacerlo bien.

Ahora cuando miro al mar y me arrojo

con la esperanza de que

las olas no me regresen,

ellas lo hacen.

Arriba solo tengo inexperiencia

unas clases que nunca entendí muy bien.

Hundirse también es una forma de fe:

creer que algo abajo

te abrazará sin pedirte nada.

25.

No me quedan relojes.
Se rompieron todos
el día que dejé de esperar.
Ahora cuento los días por heridas,
hay varias cicatrices en las piernas
y las manos,
una en la cabeza y el abdomen
que no paran de sangrar.
Como curarse de
palabras que no dije,
de las veces que fingí estar bien.
No me quedan relojes,
tampoco tiempo,
se rompieron todos.

26.

Fui testigo del derrumbe
pero nadie me creyó.
Tenía las manos rotas,
la boca muda,
los ojos ciegos,
el alma sucia,
los ojos llenos de ceniza.
Golpes en la espalda,
sangraba a chorros.
No podían saber
que uno también se rompe
cuando ve romperse al mundo.

27.

No habrá gritos.

Ni sangre.

Ni poetas que escriban sobre mí.

No habrá flores,

ni tumba,

no habrá huesos,

ni sabanas,

ni fiesta o velatorio.

Solo un cuerpo cansado

de cargar su sombra,

sus dudas

o aciertos,

sus miedos

Y un silencio

que sabrá hacer

su trabajo.

28.

El tiempo no pasa,
se queda.

Se instala en los muslos,
en la curva de la espalda,
en la forma en que el pecho
aprendió a bajar los brazos.

En el movimiento lento
que adquirieron los pasos,
En la arritmia que aprendió el corazón,
En las líneas de la cara
y el cabello blanco.

No me mira con piedad.
Solo recoge lo que fui
y lo deja caer en algún lado.

29.

El cuerpo cede,
como lo hacen las puertas antiguas.
Los párpados pesan más,
las piernas también.
No es cansancio,
es el trauma,
la gravedad atrapada,
la mano que pasó por donde no debía,
el golpe recibido en las cienes
y el otro en algún lugar del alma.
No es cansancio,
es la vida,
los días,
las aventuras y
las desventuras,
los recuerdos del café
en la mañana,
la copa de vino inacabada,
la cuenta regresiva.
Solo es memoria
acumulada:
la de haber sostenido
demasiado,
demasiado tiempo.

30.

Hubo años en que mis manos
eran promesa, arrullo,
nanas en la piel.
Ahora apenas si son consuelo.
Ya no aprietan,
no reclaman,
solo se posan,
no alimentan,
solo son como pájaros
que han perdido
la ruta de regreso.

31.

El tiempo no hiere de golpe.
Se instala como un amante paciente
que sabe dónde tocar
para fracturar sin romper.
No reclama a gritos afecto,
ni se aferra a los presentes,
no me pide que acompañe
o que me quede.
Solo pasa,
sin repiqueteo,
sin campanillas,
sin tic tac.
Y uno lo permite,
porque hay heridas
que se sienten siempre
y se las necesita.
El cuerpo,
el tiempo.
Único lugar posible
para guardar el dolor.

32.

He cargado mi cuerpo como una culpa.
Lo he arrastrado por países
coloridos y amables,
otros extraños y sosos.
He dormido con él
sin querer tocarlo.
Le he alimentado sin querer cuidarlo.
A veces me mira desde dentro
y me pregunta
cuándo dejé de amarlo.
No sé responder.

La memoria no es un hilo y no es rojo:
es un muro que se agrieta en silencio.
La secuencia de tablillas de mi cuarto,
Las baldosas amarillas y rojas de
la casa de la abuela,
el olor de la leche caliente y el pan.
Allí está mi madre,
repitiendo su gesto inútil
de cerrar las ventanas
como si el invierno
fuera otra forma de protegernos.
Allí está la abuela,
sentada en su silla saludando a
alguien que no existe en el tejado,
allí están los niños,
los perdidos en el tiempo.
Allí aun no estoy yo,
quién sabe en dónde,
en qué cabeza,
en qué momento
alguien me recuerde.

34.

La brisa lleva
una palabra deshecha
que alguna vez fue tuya.
El Zumbayllu la ha traído con su giro y
solo aguzo mis oídos para ella.
No la nombro,
por si regresa entera
a posarse en mi lengua.

35.

El tiempo cae
como ceniza leve
sobre las hojas nuevas.
No sabré si crecieron
por su peso,
o a pesar de él.
Hay volcanes cerca anunciando
más polvillo,
riachuelos
cerca anunciando
nuevas hojas,
hay un mundo afuera que
observo y cuento.



36.

Marleny tejía para no morir.
Su aguja cruzaba el tiempo,
atando los hilos de una ausencia
que jamás tuvo nombre.
Nos hacía bufandas, abrigos, calcetas.
Hoy, que llueve,
ss ella quien remienda
los bordes de mi sombra
y yo no entiendo el por qué.

37.

He dejado de contar los inviernos,
los veranos, las primaveras y otoños.

Ahora solo nombro
las ramas que no se rindieron,
los ríos que no se secaron,
las noches en las que la nieve
se derritió en mis manos.

Lo que no muere
también recuerda.

38.

El musgo crece
donde nadie mira.

Las enredaderas se aferran
a los anillos añosos del roble.

Los hongos se conectan
sin ser vistos y sueñan.

También allí la ternura,
también allí las palabras dulces,
también el silencioso abrazo o
la sonrisa oculta.

El musgo crece
callado y verde,
como si nunca
hubiera dolido.

39.

Cuidadosamente he encontrado un bosque,
Reconozco sus ramas que
se extienden por kilómetros,
los ríos que le inundan,
el jaguar que se esconde,
los pájaros que no
paran de cantar y los
monos que saltan
de rama en rama.
No tenemos nombres,
solo han sido palabras
inventadas por
los que viven más allá.
El bosque ha aceptado mi presencia.
Como tampoco llevo nombre,
ni objeto, ni memoria,
soy como todos.
Existo y pertenezco.
Voy a conectarme a algún micelio,
así podremos hablar.

40.

Llegué aquí en una noche helada
y lluviosa de marzo,
apenas una maleta con
jeans y camisas usadas.
Un par de zapatos, un libro,
un cuaderno y mis
plumas estilográficas.
Esa noche el viento soplaba
fuerte, la estación
se veía ruínosa y no entendía
cómo podía estar
en un país tan rico con
aquello tras de mí.
Nadie alrededor,
nadie que dijera “hola”, “hello”.
Así fue cómo nos saludó este país y
sentí que aquí nunca
habría cabida real para nosotros.
Esa noche helada,
de silencio, desencanto y soledad
quedó como una cicatriz en mi memoria.
Han pasado cuatro primaveras,
ha habido inviernos fuertes,
veranos monstruosos
en los que el sudor se
escurre hasta los labios
con sabor a sal.

Un día al levantar la cabeza
encontré magnolios
florecidos y fue la primera
vez que mire hacía arriba
para observar que toda
esta tierra estaba llena de ellos.

Mi única labor importante
ha sido salvar patos y
tortugas en las avenidas
impenetrables,
He sentido dolor por ellos
que como yo están
en tierra extraña cuando
era la suya por derecho.
Hoy estoy frente a
mi cuaderno, sin mis
plumas estilográficas,
cansada,
adolorida por los míos,
confundida,
vulnerada y
en silencio.

41.

En Caddo Lake encontré familia,
árboles añosos que se mecían
con el viento y saludaban,
raíces adheridas a mis pies
para caminar mejor,
el río, el lago, los pantanos no
eran insalvables como la ciudad,
por el contrario,
aguas serenas se abrían
para navegar
o simplemente transmutar.
En territorio Caddo
espíritus ancianos
cantaron para mí,
abuelas de ojos grandes
y sonrisa amplia
bailaron para mí,
El majestuoso Monte Ozark
cantó para mí,
Los Natchitoches
hablaron para mí
en su fluida
y sonora lengua.
Si, allí encontré familia,
sentada entre la hierba,
conectada a las raíces,
sola,

solos.

42.

Arde la sangre,

El corazón no es otra cosa que un motor transhumante,

El recuerdo trae aberrantes momentos,

El miedo no me deja dormir sin que los íncubos y los súcubos
me atormenten.

Pudo haber sido allá, pero es aquí y nunca sabré qué habría sido
peor.

La tierra es un valle estéril o fecundo según la luz que brille.

Ser buena abrume, ser mala asusta.

¿Pero qué es lo uno o lo otro ahora?

¿Cuándo soy digna y cuándo no?

¿Cuándo lacera mi palabra o cuándo arropa?

Ha llegado el momento de la vida en el que no sé nada.

Solo hay tránsito y silencio.

43.

Lucy se sienta sobre la Moleskine negra,
creo que quiere que deje de escribir pues sabe que duele,
no estoy segura de que ella o yo entendamos
que el dolor es necesario, tampoco
estoy segura de esa afirmación, pero el dolor está y se siente.
Lucy se lame las patas blancas una y otra vez,
mueve las orejas en dirección a mi mirada inquisitiva,
olfatea entre las plumas, la tinta y la viruta de
lápiz y vuelve a ser ella y yo a ser yo.
Acaba de lanzar al suelo un lápiz de color verde,
¿para qué pensar el por qué?,
solo fue deslizándolo hasta que chocó contra el suelo.
Yo sigo siendo yo.
Sin lápices para jugar,
sin sombras por perseguir,
evitando que mi mente haga lo que
mejor sabe hacer,
dar vueltas una y otra vez.

44.

Solo sombras caminando rápidamente entre la calle,
hombros que se rozan, piernas que se enredan.

Hablan en una lengua extraña,
respondo a nadie con otra que alguien me prestó
y la mía se hunde entre las venas pues aquí nadie la comprende.

Solo sombras caminando,
hombros que se rozan.
Un abrigo verde pasa por mi lado,
una bufanda rota se enreda en mis zapatos.

Murmuró una oración a las aguas que
se escurren, a los copos de nieve.
A las sombras que caminan sin mirarme.
Sin la noche, sin el sol, camino.

45.

Duele la palabra del hijo muerto, la del hijo vivo, la sonrisa negada en la infancia y el beso no dado en la adolescencia.

Duelen las mentiras que nos creímos a los doce y las verdades de los veinte. Duelen los años al pasar y la piel al perder el agua.

Duele el sol contra los ojos, la lluvia contra la piel desnuda y el frío cuando nieva.

Duele a veces, no siempre. Otros días esas mismas cosas se miran desde otro ángulo y llega la esperanza.

46.

Todo lo que me sostuvo ahora está roto. Puedo ver los pedazos esparcidos entre piedritas de asfalto desprendido. Todo lo que me sostuvo está roto, pero extrañamente algo mío sigue aquí, en pie, observando el pavimento.

SOBRE LA AUTORA



Eliana Maldonado Cano. Nace en 1978 en Medellín (Colombia). Ingeniera, Msc en Ciencias de la Tierra. Magíster en Literatura Española y Latinoamericana de la Universidad de La Rioja, Doctora en Literatura en la Universidad de Antioquia con una tesis Magna Cum Laude sobre las Poéticas quechuas en la obra de José María Arguedas, investigadora en Oralidad, Memoria y Poesía andina. Sus trabajos de

investigación se han expandido a toda América y el Caribe, incluyendo autores africanos, creando así un puente entre ambos continentes. Actualmente es Instructora de Español y Literatura en Louisiana State University (LSU), en los Estados Unidos. Entre sus publicaciones están: *Bajo la piel* (2007), *Lunas de sombra* (2010), *Hacia el Pacífico* (2015), *Cartografía de la lluvia* (2016), *El pozo de la infancia* (2018). Otras obras publicadas se encuentran inmersas en *Ellas escriben en Medellín* (2017), *Poesía colombiana del siglo XX escrita por mujeres* (2014) e *Historias que no son cuento: experiencias de lectura y escritura de Medellín* (2014). *Aquellas mujeres en Miniatura* (Pigmalión 2019), *Wayrayaripay (The sound of the wind/El sonido del viento)* ha sido publicado en el 2023 por la Editorial Valparayso NY y se encuentra en versión trilingüe: Inglés, quechua, Español. Poemas suyos han sido traducidos al inglés, al francés y al portugués.

ÍNDICE

Eliana Maldonado, uma arte ao relento	5
Venho do lugar que habita a fenda,	13
Deram-me um nome que não é meu,.....	14
Meu corpo:	15
Observo meu rosto na água,	16
Escrevo numa língua que já não existe.	17
Já vivi em cidades	18
A cada dia perco algo:	19
Ela deixou a lâmpada do esquecimento acesa,.....	20
Não há retorno para quem se tornou pó.	21
A cada noite o mesmo ritual:	22
Eleven.....	23
Eu te escrevo, mesmo que não existas.....	26
Minha pele já não responde a perguntas.....	27
Estou sempre à beira:.....	28
Deixaram-me uma casa vazia	29
Não é a insônia que dói,.....	30
Há um país em mim.....	31
Não fui embora,	32

Cheguei ao fim sem ter começado.....	33
O sol não chega até aqui.	34
Eu quis atravessar para outro lugar.....	35
Existem cidades onde nunca morei.....	36
Parei de fazer perguntas.....	37
Quando criança, me ensinaram a nadar:.....	38
Não me restam relógios.	41
Testemunhei o colapso,.....	42
Não haverá gritos.	43
O tempo não passa,	44
O corpo cede,.....	45
Houve anos em que minhas mãos	46
O tempo não fere de repente.	47
Carreguei meu corpo como um fardo.	48
A memória não é um fio e não é vermelho:.....	49
A brisa carrega.....	50
O tempo cai.....	51
Marleny tricotava para não morrer.....	53
Parei de contar os invernos,	54
O musgo cresce	55
Com cuidado, encontrei um bosque,.....	56
Cheguei aqui em uma noite fria	57
No Lago Caddo, encontrei família,	59

O sangue arde,.....	60
Lucy senta-se sobre a agenda negra.	61
Apenas sombras caminhando rapidamente pela rua,.....	62
Dói a palavra do filho morto.	63
Tudo que me sustentava agora está quebrado	64
SOBRE A AUTORA	65
A LA INTEMPERIE	67
Eliana Maldonado, un arte a la intemperie.....	69
Vengo del lugar que habita la fisura,.....	77
Me han dado un nombre que no es el mío,.....	78
Mi cuerpo:.....	79
Observo mi rostro en el agua,.....	80
Escribo en una lengua que ya no existe.	81
He habitado ciudades	82
Cada día pierdo algo:.....	83
Ella dejó encendida la lámpara del olvido.....	84
No hay regreso para quien ha sido polvo.	85
Cada noche el mismo ritual:	86
Eleven.....	87
Te escribo, aunque no existas.....	90
La piel ya no responde a las preguntas.	91

Siempre estoy al borde:.....	92
Me dejaron una casa vacía.....	93
No es el insomnio lo que duele,.....	94
Hay un país en mí.....	95
No me fui,.....	96
He llegado al final sin haber empezado.....	97
El sol no llega hasta aquí.	98
Quise cruzar hacia otro lugar.....	99
Hay ciudades donde nunca viví.....	100
He dejado de hacer preguntas.	101
De pequeña me enseñaron a nadar:.....	103
No me quedan relojes.....	104
Fui testigo del derrumbe	105
No habrá gritos.	106
El tiempo no pasa,	107
El cuerpo cede,	108
Hubo años en que mis manos.....	109
El tiempo no hiere de golpe.....	110
He cargado mi cuerpo como una culpa.	111
La memoria no es un hilo y no es rojo:.....	112
La brisa lleva	113
El tiempo cae	114
Marleny tejía para no morir.....	116

He dejado de contar los inviernos,.....	117
El musgo crece	118
Cuidadosamente he encontrado un bosque,	119
Llegué aquí en una noche helada	120
En Caddo Lake encontré familia,.....	122
Arde la sangre,	123
Lucy se sienta sobre la Moleskine negra,.....	124
Solo sombras caminando rápidamente entre la calle,	125
Duele la palabra del hijo muerto	126
Todo lo que me sostuvo ahora está roto	127
SOBRE LA AUTORA.....	128

Eliana sempre nos surpreende com suas palavras oportunas e necessárias. Somos a última página de um livro que ninguém leu; nossas vidas não são escritas para serem decifradas, mas vividas. Somos aquelas vozes que se silenciam, não por introversão, talvez por causa dos vazios deixados pelas fissuras em nossas experiências vividas.

Eliana siempre nos sorprende por su palabra oportuna y necesaria. Somos la última página de un libro que nadie leyó, nuestras vidas no están escritas para ser descifradas sino vividas. Somos esas voces que se callan a sí mismas, no por introversión, tal vez por oquedades que nos dejan los resquicios que nos dejan las historias vividas.

Luis Fernando Cuartas

